



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA ANÁLISE DOS FILMES “HISTÓRIAS CRUZADAS”, “CONRACK: UM EDUCADOR POR EXCELÊNCIA” E “O LADO CEGO”

Edlaine Rodrigues Pereira - Monitora de Extensão, Pesquisadora PIBIC, Graduada em
Pedagogia

Senyra Martins Cavalcanti – Professora do Departamento de Educação

Universidade Estadual da Paraíba - cinematografouepb@gmail.com

RESUMO: O presente artigo analisa os filmes “Histórias Cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O lado cego” e aborda a segregação pela qual os negros passavam nos anos 60, suas lutas por direitos civis e uma educação de qualidade. Discussão bastante atual, em face da permanência do racismo e do preconceito de base étnico-racial, os filmes retratam o cotidiano dos negros e suas dificuldades na busca por melhores condições de vida e educação. O filme “Histórias cruzadas” retrata o cotidiano das empregadas domésticas em famílias predominantemente brancas no Estado do Mississippi, nos EUA, o filme “Conrack: um educador por excelência” retrata a luta pela qual os negros passaram para terem direito a uma educação digna na Ilha Yamacraw, Carolina do sul nos EUA e o filme “O lado cego” retrata a vida de um jovem negro morador de rua que é adotado por uma rica família branca na cidade de Memphis também nos EUA. Consideramos que os três filmes são um importante legado no estudo da análise da segregação pela qual os negros passavam nos anos 60 e suas lutas por direitos civis e educação ao passar do tempo, pois nos permitiu ver a pluralidade de compreensão que o filme pode proporcionar para a educação, através da análise do uso do filme como agente da história. Nesta finalidade, os filmes são indicados para professores quando forem lecionar sobre os direitos humanos, na concepção de formar alunos adeptos à diversidade étnico racial e por todos aqueles interessados na discussão dos direitos civis, bem como palestrantes e ministrantes de cursos e formação continuada para professores da educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Diferenças étnico-raciais; Segregação racial; Direitos civis; Diferenças Étnico-Raciais; Representações Fílmicas

1. Introdução

Nos dias de hoje entendemos que todo e qualquer cidadão independente de sua raça tem direito a condições dignas de vida, como liberdade, educação, boa alimentação, moradia de qualidade, dentre outros. Nem sempre foi assim. Nem sempre foi assim para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

todos. Neste artigo, enfatizaremos a luta pela qual os negros passaram para ter seus direitos humanos reconhecidos e uma educação digna, tomando como base o Estado do Mississippi, nos Estados Unidos, nos anos 60 a partir da análise da adaptação do livro “A Resposta”, de Kathryn Stockett, para o cinema em “Histórias Cruzadas”, a Ilha Yamacraw, Carolina do Sul, nos Estados Unidos, no ano de 1969 a partir do filme “Conrack: um educador por excelência” e a cidade de Memphis, nos Estados Unidos a partir do filme “O Lado Cego”. Na perspectiva do filme como agente da história (FERRO, 1992), posicionamos os filmes como testemunha histórica da vida dos negros, suas dificuldades na luta por direitos civis e uma educação de qualidade. Morettin (2011, citando o argumento de Jean-Louis Leutrat), afirma que o sentido que o autor quer dar a uma obra nem sempre é encontrável. Há um funcionamento independente que requer esforço em compreender o sentido, e foi esse caminho que seguimos para analisar as ideias postas nos filmes “Histórias Cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O Lado Cego”.

2. Metodologia

No presente artigo, buscamos evidenciar a segregação racial pela qual os negros passaram ao longo dos anos a partir do cinema, tomando como base os filmes “Histórias Cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O Lado Cego”.

Ferro (1992) comenta o descaso para com o filme, tratando desse descaso não como incapacidade ou retardamento, mais como uma recusa em enxergar seus pontos positivos. Desta maneira, é preciso olhar para o filme não mais como entretenimento e sim, como um recurso didático, olhar com a mesma relevância que se dar aos artigos e materiais escritos em geral, apoiados na afirmação de Lagny (2009) de que o cinema é fonte da história, fazendo emergir formas de ver, pensar, fazer e sentir. É preciso “considerar as imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las” (FERRO, 1992, p. 32).



Acreditando na capacidade do filme em nos levar a ver o passado (ROSENSTONE, 2010) mostramos neste artigo a vida dos negros no Estado do Mississippi, nos Estados Unidos, nos anos 60 a partir do filme “Histórias Cruzadas”, na Ilha Yamacraw na Carolina do Sul a partir do filme “Conrack: um educador por excelência” e na cidade de Memphis, nos Estados Unidos a partir do filme “O lado cego” enfatizando a precariedade de vida e educação direcionada aos negros. Verifica-se claramente a neutralização da branquidade que nos fala McLaren (1997).

Adotamos os autores acima citados, buscando através de seus conceitos e ideias analisar os filmes “Histórias Cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O lado cego” e mostrar como é possível por meio do filme, conhecer a realidade vivida pelos negros ao longo dos anos e a precariedade da educação que lhes eram direcionadas até conseguirem conquistar condições dignas de vida.

3. Resultados e Discussão

No filme “Histórias Cruzadas”, Skeeter é uma jovem recém-saída da faculdade, inconformada com o tratamento dado as mulheres negras resolve escrever um livro de relatos de histórias vividas por essas mulheres. A história é contada a partir do ponto de vista das mulheres negras, destacando o tratamento recebido de seus patrões e da sociedade da época. Registrar essa experiência faz com que o livro seja visualizado como um feito bastante ousado para aquele momento histórico, algo nunca visto antes. Para a maior parte da sociedade da época, essas mulheres não tinham direito a sequer sonhar com melhores condições de vida, menos ainda o direito de lutar por elas.

O filme não tem somente a intenção de ensinar uma lição, mas se propõe a permitir que o espectador vivencie o momento passado e os sentimentos causados naquele momento (ROSENSTONE, 2010). Ou seja, através do filme “Histórias Cruzadas” poderemos analisar as difíceis condições de trabalho das mulheres negras, sem direito a um salário digno, nem benefício como aposentadoria. Da mesma maneira, nenhuma história é escrita inocentemente e o cinematógrafo provou isso (FERRO,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

1992), fica claro assim, que a história de Kathryn Stockett foi escrita com a intenção de denunciar a segregação pela qual os negros, com destaque nas empregadas domésticas, passaram nos anos 60 no estado do Mississippi.

Ferro (1992) diz-nos que a imagem faz com que uma notícia se torne terrivelmente verdadeira. Podemos notar, nas imagens do filme, o terror e o medo no qual viviam os negros nesse dado momento histórico dos Estados Unidos. O filme nos passa a força da veracidade dos fatos vivenciados por aqueles que viviam excluídos dos direitos de cidadania. Neste dado momento histórico, ainda existia a Ku Klux Klan (KKK), que era uma organização racista que apoiava a supremacia dos brancos sobre os negros. Onde esse grupo passava, deixava uma onda de violência e terror sobre as comunidades negras.

O filme retrata também a luta dos negros por direitos civis. Nesse quadro entra a figura de Martin Luther King, pastor e ativista político estadunidense que mobilizava seus seguidores na luta por seus direitos civis e na busca pela igualdade racial. Dentre as muitas marchas e passeatas organizadas por King, o filme retrata a Marcha pelo Trabalho e pela Liberdade. A referida marcha levou às ruas brancos e negros em um protesto não-violento. Foi neste contexto que o livro idealizado por Skeeter tornou-se real. “OS PROTESTOS EM BIRMINGHAM, MARTIN LUTER KING. CACHORRO ATACANDO CRIANÇAS DE COR. Querida, é o assunto da hora para toda a nação” (STOCKETT, 2012, p. 143).

O livro que Skeeter escreveu com os relatos cotidianos das empregadas domésticas ficou pronto e foi publicado. Por uma questão de segurança, criaram nomes fictícios e mudaram o nome da cidade no intuito de permanecerem no anonimato. Para surpresa de todas, o livro foi um sucesso e bem vendido tanto nas livrarias de brancos quanto nas livrarias de negros.

Skeeter conta ao namorado sobre o livro e ele acaba o namoro por não aceitar suas escolhas. O namorado de Skeeter é filho de um senador e, como tal, não poderia agir de acordo com seus sentimentos, mais sim de acordo com o que a elite branca do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Estado do Mississippi pensa, mostrando assim, mais uma vez, como a sociedade ditava as regras de convivência de seus membros.

Celia Foot e Jhonny representam padrões incomuns para a sociedade retratada na época. O filme trás uma cena do casal recebendo sua empregada Minny com uma mesa posta, e não apenas sentam-se para comerem juntos, mas também a servem, em forma de agradecimento a tudo que ela tem feito pela família deles. Brancos e negros na mesma mesa era algo bastante incomum na época, pois não era permitido um negro se sentar à mesa com os brancos.

Enquanto que, com Aibilee numa outra empregada doméstica, acaba acontecendo o que ela mais teme durante toda a história: é demitida e tem que deixar a menina Mae Mobley da qual cuida desde o nascimento. Tal fato demonstra o descaso com que as mulheres negras eram tratadas, mesmo as que devotavam suas vidas às famílias brancas para as quais trabalhavam.

O filme destaca a questão da supremacia branca, o que nos leva ao conceito de “branquidade” da qual nos fala McLaren (1997), a partir da idéia de que a cultura branca sempre se julgou como uma cultura neutra e universal. Podemos analisarque, na história, para a elite branca o negro que é diferente e, por isso, é inferior. As patroas que vemos no filme não acham que estão explorando suas empregadas, estão apenas tratando-as com a supremacia que sua cor impõe. No filme, em uma cena, Skeeter pergunta a mãe sobre um comportamento de Constantine, esta lhe responde que “é coisa de preto”. Em um dado momento do filme quando Skeeter pede permissão a Elisabeth para falar com sua empregada, esta lhe responde: “Aibileen? A minha Aibileen?” pergunta espantada. Com essa cena, comprovamos que “a ‘branquidade’ tornou-se a norma invisível, o padrão contra o qual a cultura dominante mede o seu próprio valor” (MCLAREN, 1997, p. 136).

No filme “Conrack: um educador por excelência”, Patroy é um professor substituto em uma escola na Ilha Yamacraw, essa ilha é habitada predominantemente por negros com a única exceção de um comerciante branco. Ao chegar à escola o professor se surpreende ao detectar que os alunos embora venham frequentando as



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

aulas, não sabem absolutamente nada, nem mesmo as coisas mais básicas como escrever o próprio nome ou fazer operações matemáticas simples. Desta maneira, sua indignação se converte em esforços para que todos esses alunos não apenas aprendam a ler e escrever, mais também, para que rejeitem a crueldade em que vivem. No entanto, o professor precisa enfrentar obstáculos como a diretora da escola e o superintendente, que agem a favor do sistema da época que era extremamente racista e autoritário.

O início do filme já demonstra a desigualdade existente entre as duas raças¹, pois, trás cenas da casa do professor Patroy em Beaufort e o conforto ao qual este goza, como a casa bem iluminada e arejada, uma cama confortável e boas condições de vida, em contrapartida, mostra a casa de uma das crianças da ilha Yamacraw e a situação de precariedade em que esta se encontra em uma casa sem iluminação, sem estrutura física ou qualquer tipo de conforto. Desta maneira percebemos que as imagens dizem mais do que se percebe imediatamente (LAGNY, 2009), porque através dessas imagens temos a dimensão da oposição em que vivem as duas realidades.

A história do filme foi escrita com a intenção de denunciar a segregação pela qual os negros passaram nos anos 60, no auge do *apartheid*, que separava as populações por raça, estabelecendo a dominação da raça branca sobre a raça negra. Neste dado momento histórico, a população negra ficou relegada a pequenos territórios marginais privados de cidadania. Desta maneira verificamos a afinidade entre cinema e história, o quanto este presta testemunho do passado, como bem defende Lagny (2009).

Baseadas na concepção de que uma análise pode ser realizada pelo estudo da imagem (LAGNY, 2009), asseguramos como o sistema atuante na época em que se passa o filme era extremamente racista e autoritário para com os negros, pois, o professor Patroy ao demonstrar preocupação em realmente ensinar aos seus alunos, criando dessa maneira, novos métodos para facilitar suas aprendizagens e desta forma, educá-los para rejeitarem a crueldade em que viviam, acaba por receber uma visita do superintendente, Sr. Skeffington, para uma reclamação, uma vez que, este vinha representando o sistema atuante da época que não aceitava essa maneira de ensino, pois,

¹ O termo raça tem sua origem datada do século XVII (MARTINS, 1985, p.182). Com o passar do tempo, mais especificamente a partir do século XIX, passou a ser utilizado no sentido de justificar as diferenças fenotípicas entre seres humanos e marcar relações de dominação político-cultural de um grupo sobre outro. (SANTOS & MARQUES, 2012)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

os negros eram educados apenas para servir aos brancos e não para serem independentes, desta maneira só deveriam receber o ensino suficiente para melhor servi-los.

Lagny (2009, citando KAES, 1989) diz que o cinema desempenha um papel ainda mais essencial que acontece, dele próprio se encarregar de traduzir para a ficção aquilo que a memória oficial procurou ocultar. Dessa maneira é interessante analisar a cena em o professor Patroy improvisa um cinema para seus alunos, ele encontra em um “armário empoeirado” o equipamento e resolve fazer desse recurso um meio didático para que os alunos aprendam através da leitura das imagens, o professor usa dessa maneira, a cultura visual como mediação de aprendizagem. Desta maneira verificamos que “toda produção fílmica pode desempenhar o papel de fonte para a pesquisa histórica” (LAGNY, 2009, p. 115) porque se o equipamento existia na escola, mesmo que desconhecido pelos membros atuantes nela, como fica claro, quando a diretora pergunta onde Patroy encontrou o equipamento, é porque alguém de alguma maneira já enxergava no filme um material didático, o que nos leva a crer que o uso do filme como fonte da história não é uma questão tão recente.

Podemos verificar no filme, como as normas que ditavam as regras da sociedade eram baseadas na neutralidade da raça branca e assim, na subordinação dos negros aos brancos, pois: “a suposta neutralidade da cultura branca possibilita-lhe mercantilizar a negritude para suas vantagens e finalidades próprias” (MCLAREN, 1997, p. 136), um exemplo muito claro disto no filme, é quando a diretora afirma que faz tudo que os brancos querem e tem dado tudo certo. Dessa maneira, a cena nos permite verificar que a diretora está educando os alunos para terem êxito na vida, isso é claro, na concepção dela de como uma pessoa de cor poderia “se dar bem” em um mundo dominado pela supremacia branca.

Lagny (2009) diz que, a câmera confere o peso de uma verdade. Dessa maneira, na cena em que o professor Patroy é demitido porque o sistema dominante da época não aceitava seus métodos de ensino e sua vontade de fazer com que seus alunos rejeitassem a crueldade em que viviam, podemos sentir o peso vivido pelos negros nesse dado



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

momento histórico, pois, a elite branca que representa o sistema dominante da época, achava que contendo os agitadores como eram denominados aqueles que buscavam condições igualitárias entre as duas raças, seu sistema dominante resistiria e se perpetuaria por conta própria.

O professor em sua despedida na ilha, diz aos alunos que “dói demais deixá-los” e espera que o rio seja bom com eles quando estes o forem atravessar, ou seja, até mesmo o professor sabia que não seria uma luta fácil, mais buscou prepará-los para serem fortes e lutar contra a crueldade com a qual estavam familiarizados, pois, compartilhava da ideia de McLaren (1997) quando diz que “enquanto a cultura branca, como estrutura cultural definidora para as transações branco-étnicas, definir os limites para todo o pensamento sobre as relações humanas, não poderá haver projeto para a igualdade humana.” (MCLAREN, 1997, p. 139).

No filme “O lado cego”, Michael é um jovem negro morador de rua, vindo de uma família destruída pelas drogas, até que é adotado por uma rica família branca que o ajuda a enfrentar os desafios provenientes de uma sociedade ainda racista. A partir daí, mudanças ocorrem na vida de todos, incluindo Michael que com a ajuda de sua nova família vence na vida.

Ferro (1992) diz que a imagem nos permite uma zona de realidade não-visível, nos permite ver o que não foi diretamente dito. Neste escopo quando o filme mostra a surpresa de Michael ao chegar a uma escola de branco e encontrar as bolas de futebol disponíveis a qualquer um, diferentemente da escola que ele frequentou onde as bolas ficavam trancadas, podemos constatar o quanto a educação era diferenciada para as distintas raças. Uma cena, desta forma, nos permite analisar muito além do que é visto naquele momento.

Quando Michael passa a viver com a família branca que o acolhe, tem então a chance de frequentar regularmente uma escola, escola esta em que os alunos são predominantemente brancos com a única exceção de Michael e que ofereceu certa resistência em aceitá-lo, observamos então, a precariedade do ensino que este teve até o momento, visto que, ele não consegue responder sequer um questionário avaliativo, o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que leva os professores a constatar que todos os professores que ele teve até então estavam simplesmente passando ele de ano e deixando que a próxima escola resolvesse o “problema”. Neste contexto, observamos a capacidade do cinema em fazer ver o imaginário social como nos diz Logny (2009).

Acreditando na capacidade do filme em nos levar a ver o passado como defende Rosenstone (2010), observamos o quanto os negros eram desacreditados em determinado momento histórico, pois, até mesmo o treinador Cotton, que foi um grande incentivador para que Michael fosse aceito na escola, em seu discurso de convencimento aos demais professores diz que ele é um garoto corajoso para querer estudar nesta determinada escola, por querer uma educação de qualidade, uma educação negada a ele por causa da pobre qualidade da escola em que estudava. Constatamos dessa maneira, que era de conhecimento geral essa precariedade do ensino destinado aos afro-descendentes, porém, essa precariedade era tida como natural, pois, essa era a educação a qual estes tinham “direito”, desta maneira, constatamos o quanto o filme testemunha fatos como afirma Ferro (1992).

Logny (2009) diz que o cinema captura indícios sobre o mundo, neste contexto, o filme “O lado cego” trás a discussão do preconceito racial, mostra que até mesmo as crianças tem medo de Michael na escola pela cor da sua pele, bem como, os questionamentos feitos à família branca sobre a adoção de um menino negro, o que nos leva a constatar o quanto o preconceito “cega” as pessoas que se limitam a fazer julgamentos de uma pessoa unicamente pela cor da sua pele.

Com o apoio da nova família e dos professores que passam a se empenhar a ajudar Michael, este tem uma melhora significativa nos estudos e passa a jogar futebol pela escola. Neste esporte Michael se destaca recebendo inclusive, convites de diversas universidades que se interessam em seus talentos esportivos. Neste escopo, analisamos o grau do preconceito, pois, o filme mostra o jogo de interesses ao redor de Michael depois que este fica famoso por conta do futebol, porém, antes disso era apenas mais um negro como outro qualquer sem direito a condições mínimas de uma vida. O filme retrata ainda, a descrença da mãe biológica do mesmo e da diretora assistente do



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

NCAA, ambas também são afro descendentes e não acreditam na ajuda desinteressada da família branca que adotou Michael, o que nos leva a constatar o quanto essas pessoas eram desacreditadas de si mesmas. Neste contexto, concordamos com Logny (2009) quando este diz que o cinema é fonte da história, pois, faz emergir formas de ver, pensar, fazer e sentir.

Rosenstone (2010), citando D.W.Griffit, destaca que a maior contribuição do cinema foi o tratamento de temas históricos, portanto os filmes “Histórias Cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O lado cego” são um importante legado no estudo da segregação pela qual os negros passavam nos anos 60, suas lutas por direitos civis e a baixa qualidade da educação que lhes eram dispensadas.

4. Considerações Finais

Por fim, o artigo teve o objetivo de mostrar a segregação pela qual os negros passavam nos anos 60 e sua trajetória na luta por direitos civis e na busca por melhores condições de vida e educação ao longo do tempo, através dos filmes “Histórias cruzadas”, “Conrack: um educador por excelência” e “O lado cego”, baseadas no uso do filme como agente da história, da sua capacidade em nos levar a ver o passado desta forma prestando testemunho, do quanto podemos ver em um filme bem mais do que a realidade representada no mesmo, do quanto podemos vivenciar os momentos e os sentimentos causados em um determinado momento através da leitura das imagens de um filme, de como se pode aprender através de uma análise realizada pelo estudo de uma imagem, bem como, do quanto uma câmera confere o peso de uma verdade.

Ainda hoje, em meio à diversidade étnico-racial que pregamos na nossa sociedade, ainda vemos atitudes de racismo e preconceito contra os negros. Notamos que, tantas décadas depois da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, ainda existe a ideia de supremacia branca, necessitando mudanças, a fim de que “os sistemas de diferença existentes (que organizam a vida social em padrões de dominação e subordinação) devem ser reconstruídos” (MCLAREN, 1997, p. 134). Nesse escopo, o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

filme “Histórias Cruzadas” (2011), “Conrack: um educador por excelência” (1974) e “O lado Cego” (2010) são indicados para professores quando forem lecionar sobre os direitos humanos, na concepção de formar alunos adeptos à diversidade étnico-racial e por todos aqueles interessados na discussão dos direitos civis, bem como palestrantes e ministrantes de cursos e formação continuada para professores da educação básica.

5. Referências

BLANRUE, P. E. As muitas vidas da ku klux klan. Revista História viva. Disponível em: www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/as_muitas_vidas_da_ku_klux_klan>. Acesso em: 04 set.2014.

CONRACK Um Educador por Excelência. Direção: Martin Ritt. Century Fox Film Corporation, 1974. Internet (107min).

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz Eterna, 1992. (p. 25-47)

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. Walt Disney Pictures, 2011. Internet (146 min).

LOGNY, Michèle. O cinema como fonte da história. In: NÓVOA, Jorge; FRESSATO, Soleni Biscouto; FEIGELSON, Kristian (Orgs.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: Ed.UFBA: São Paulo: UNESP, 2009. (p. 131)

MARTINS, Luciano. Estado Capitalista e Burocracia no Brasil Pós-64. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. (1985).

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORETTIN, Eduardo. O cinema como fonte histórica na obra Marc Ferro. In: CAPELATO, Maria Helena etall. *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. 2ª ed. São Paulo: Alameda, 2011. (p. 25-47)

O LADO CEGO. Direção: John Lee Hancock. Warner Bros, 2010. Dvd (120 min).

REVISTA VEJA. Pesadelo nos EUA. ed extra. Disponível em: [HTTP//veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king](http://veja.abril.com.br/historia/morte-martin-luther-king). Acesso em: 04 set.2014.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ROSENSTONE, Robert. A. Ver o passado. In: *A história nos filmes: os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SANTOS, Renato Ferreira dos; MARQUES, Ana José. Diversidade étnico-racial: conceitos e reflexões na escola. Disponível em: www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1337560631_ARQUIVO_TEXTOANPUH-2012.pdf. Acesso em: 10/02/2015

STOCKETT, Kathryn. *A Resposta*. 4^a.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.